

# Vinicius de Moraes – Receita de mulher

As muito feias que me perdoem  
Mas beleza é fundamental. É preciso  
Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso  
Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de haute couture  
Em tudo isso (ou então Que a mulher se socialize elegantemente  
em azul, como na República  
Popular Chinesa).  
Não há meio-termo possível. É preciso  
Que tudo isso seja belo. É preciso que súbito  
Tenha-se a impressão de ver uma garça apenas pousada e que um  
rosto  
Adquira de vez em quando essa cor só encontrável no terceiro  
minuto da aurora.  
É preciso que tudo isso seja sem ser, mas que se reflita e  
desabroche  
No olhar dos homens. É preciso, é absolutamente preciso  
Que seja tudo belo e inesperado. É preciso que umas pálpebras  
cerradas  
Lembrem um verso de Éluard e que se acaricie nuns braços  
Alguma coisa além da carne: que se os toque  
Como o âmbar de uma tarde. Ah, deixai-me dizer-vos  
Que é preciso que a mulher que ali está como a corola ante o  
pássaro  
Seja bela ou tenha pelo menos um rosto que lembre um templo e  
Seja leve como um resto de nuvem: mas que seja uma nuvem  
Com olhos e nádegas. Nádegas é importantíssimo. Olhos, então  
Nem se fala, que olhem com certa maldade inocente. Uma boca  
Fresca (nunca úmida!) é também de extrema pertinência.  
É preciso que as extremidades sejam magras; que uns ossos  
Despontem, sobretudo a rótula no cruzar as pernas, e as pontas  
pélvicas  
No enlaçar de uma cintura semovente.

Gravíssimo é porém o problema das saboneteiras: uma mulher sem saboneteiras  
É como um rio sem pontes. Indispensável  
Que haja uma hipótese de barriguinha, e em seguida  
A mulher se alteia em cálice, e que seus seios  
Sejam uma expressão greco-romana, mais que gótica ou barroca  
E possam iluminar o escuro com uma capacidade mínima de cinco velas.  
Sobremodo pertinaz é estarem a caveira e a coluna vertebral  
Levemente à mostra; e que exista um grande latifúndio dorsal!  
Os membros que terminem como hastes, mas bem haja um certo volume de coxas  
E que elas sejam lisas, lisas como a pétala e cobertas de suavíssima penugem  
No entanto sensível à carícia em sentido contrário.  
É aconselhável na axila uma doce relva com aroma próprio  
Apenas sensível (um mínimo de produtos farmacêuticos!)  
Preferíveis sem dúvida os pescoços longos  
De forma que a cabeça dê por vezes a impressão  
De nada ter a ver com o corpo, e a mulher não lembre  
Flores sem mistério. Pés e mãos devem conter elementos góticos  
Discretos. A pele deve ser fresca nas mãos, nos braços, no dorso e na face  
Mas que as concavidades e reentrâncias tenham uma temperatura nunca inferior  
A 37º centígrados, podendo eventualmente provocar queimaduras  
Do primeiro grau. Os olhos, que sejam de preferência grandes  
E de rotação pelo menos tão lenta quanto a da terra; e  
Que se coloquem sempre para lá de um invisível muro de paixão  
Que é preciso ultrapassar. Que a mulher seja em princípio alta  
Ou, caso baixa, que tenha a atitude mental dos altos píncaros.  
Ah, que a mulher dê sempre a impressão de que se se fechar os olhos  
Ao abri-los ela não mais estará presente  
Com seu sorriso e suas tramas. Que ela surja, não venha;  
parta, não vá  
E que possua uma certa capacidade de emudecer subitamente e

nos fazer beber  
O fel da dúvida. Oh, sobretudo  
Que ela não perca nunca, não importa em que mundo  
Não importa em que circunstâncias, a sua infinita volubilidade  
De pássaro; e que acariciada no fundo de si mesma  
Transforme-se em fera sem perder sua graça de ave; e que exale  
sempre  
O impossível perfume; e destile sempre  
O embriagante mel; e cante sempre o inaudível canto  
Da sua combustão; e não deixe de ser nunca a eterna dançarina  
Do efêmero; e em sua incalculável imperfeição  
Constitua a coisa mais bela e mais perfeita de toda a criação  
inumerável.

**Vinicius de Moraes, Novos Poemas II**